

Beata Maria de Araújo e fabulações afrotópicas: como comunicar essa Maria? ¹Francisca Ayanny Pereira COSTA ²Elane Abreu de OLIVEIRA³

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Este recorte faz parte de uma pesquisa que figura convergências afrotópicas sobre a Beata Maria de Araújo, cuja não-existência limitada a uma composição perpetua uma imagem que nada diz. Desenvolvemos aqui um olhar para a Beata e para as lacunas que envolvem sua história, destacando como sua vida pode ser comunicada e fabulada pelos não-ditos, os ruídos e silêncios que atravessam sua narrativa incompleta. São apresentadas algumas imagens que atuam na fabulação de Maria para a observarmos contra e com os registros que lhes restaram.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Beata Maria de Araújo; Fabulação, Afrotopia; Boca.

O presente recorte faz parte de uma pesquisa que figura perspectivas convergentes sobre a Beata Maria de Araújo, uma presença importante para a fundação de Juazeiro do Norte, Ceará. Esse estudo pertence ao projeto de investigação “Imagens límbicas na comunicação: arquivos, ficções e im-possibilidades afrodiaspóricas na fotografia”, vinculado ao Limbo - Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais. Embora sua história seja obscurecida pelo patriarcado e o inaceite imposto pela Igreja, renegando o seu milagre a um ato de misticismo, através de Maria de Araújo Juazeiro se ergueu.

Se Padre Cícero foi a pedra angular para a edificação do que hoje Juazeiro do Norte é, Maria de Araújo é o solo onde esta pedra foi posta. Se Padre Cícero é o patriarca, Maria de Araújo é a nossa matriarca. Matriarca negra, feita da maneira mais sertaneja possível, uma santidade terrena e ao alcance dos homens. Sua palavra era o sangue e o sangue, tal como afirma Hartman (2020, p.15), é escutar o não-dito, é a tradução de palavras mal interpretadas e a remodelação de uma existência desfigurada

¹ Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFCA, email: ayanny.costa@aluno.ufca.edu.br.

³ Orientadora do trabalho, professora do Curso de Jornalismo do IISCA-UFCA e doutora em Comunicação e cultura pela ECO-UFRJ, email: elane.abreu@ufca.edu.br

pela negação e pelo discurso de terceiros, construindo uma narrativa peneirada e impossível: Maria de Araújo, apesar da foto perpetuá-la como uma santa em vestes europeias e devota à sua fé, é uma mulher de quem pouco se sabe. Como uma figura tão importante para uma cidade, para uma região, torna-se menos que menção em sua própria história?

Se Deus não deixaria a Europa para realizar milagres no interior do Brasil, nas palavras de um padre (LIRA NETO, 2009), sobretudo através dos lábios, tão incomuns para os padrões da época, mas profundamente familiares lábios de mulher negra, lábios que bem conheciam o labor e o preconceito, assim mesmo encheram-se de tingido vermelho que marca o parto de um fenômeno que perdura até hoje, Maria de Araújo pariu um lugar de imensa transformação social e de referência nacional através dos seus lábios. Seu ato flui pelas lacunas propositais do apagamento como o sangue que verte das feridas, mas atinge um objetivo impossível (HARTMAN, 2020, p.14): “circunstâncias exorbitantes que não produzem nenhuma imagem da vida cotidiana, nenhum caminho para seus pensamentos, nenhum vislumbre da vulnerabilidade de seu rosto ou do que olhar para tal rosto poderia exigir”. Ou seja, dela não sabemos nada de verdade, exceto o que quiseram que nós soubéssemos, o que nos é comunicado não chega a ser de fato uma comunicação.

Maria de Araújo iniciava um movimento que provocaria grandes transformações para a região do Araripe. através dos seus lábios “produziu uma divergência ou uma aberração em relação ao curso esperado e usual de invisibilidade e a catapultou do subterrâneo para a superfície do discurso” (HARTMAN, 2020, p.14). Em março de 1889, Maria de Araújo supostamente recebia visões do próprio Jesus Cristo, segundo relatos da época, anunciando que as terras da então Joazeiro eram sagradas, pois ali seu sangue cairia, banharia a beata – e este sangue ela sorveria, portanto, faria parte dela e por meio dela, agiria – e se impregnaria por toda a cidade como sinal de uma terra de salvação (LIRA NETO, 2009).

Sendo assim, entre lacunas e perguntas, a Beata Maria de Araújo surge como uma narrativa insólita, um não-registro que só pode ser acessado pela fabulação, pelo ato de pensar o passado como um ponto criativo de construção para o presente possível (SARR, 2019). Temos um rosto que não é uma face, uma foto que pouco mostra, relatos ditos por outras vozes e uma mulher de quem todos ouviram falar, mas poucos

conhecem. Maria de Araújo, em sua totalidade, pertence a um passado de fundação, sobre sua história se ergueram outras tantas, mas está no presente uma vez que é uma preta-maria apagada. Este trabalho, portanto, propõe acessá-la por outra perspectiva, já que a branco-histórica é insuficiente: como preta, sertaneja do interior do Cariri cearense, iletrada e dominada pelas crenças que forjaram a sua existência, para comunicar Maria de Araújo é preciso fabular, é necessário afropensá-la. Esta fabulação leva em consideração as lacunas e ruídos em torno do que se conta com e sobre a beata.

O afropensamento e a afrotofia – utopia em atividade que fecunda possibilidades afrodiaspóricas – aparecem para esta pesquisa como outra perspectiva de estruturar o registro comunicacional no passado e estabelecê-lo em um lugar de resguardo e formação identitária (SARR, 2019). Ou seja, entender que uma cidade se ergueu pelo apagamento proposital de uma mulher, deslegitimada pela Igreja e o pensamento dominante da época, uma imagem de santa negra e sertaneja, é ato contra-tradicional. A partir disso construir o imaginário a respeito do que é dito e não-dito sobre a própria identidade feminina e da negritude é oferecer meios possíveis de comunicar para a sociedade outras mulheres que se tornaram incomunicáveis pelas vias do apagamento; ou seja, fabular é uma comunicação possível - frente à “im-possibilidade” constitutiva das violências - uma vez que, pelas lacunas deixadas nos registros, sejam notícias, cartas ou documentos históricos, desenrijecem-se os meios de perpetuar ou repassar essas narrativas para o agora.

Dessa forma, os artistas investigam essas perspectivas ao caminharem pelas lacunas deixadas pelo não-dito e transformarem a figura de uma mulher apagada e excluída por ser o que era, por viver o seu divino do jeito que conhecia, num ponto de possibilidades do passado para o futuro. Um dos artistas cujas obras são analisadas pela pesquisa, Rogê Venâncio, exhibe um quadro no Memorial Padre Cícero de Juazeiro do Norte que traz uma visão fabulativa de algo alegado pela própria Beata Maria: que era a própria noiva de Cristo, casada com ele. Nomeado “Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, a Noiva de Cristo”, o quadro feito a partir de colagem, objetos e óleo sobre o papel repensa a única fotografia confirmada da beata ao retratar a mulher com vastos lábios, hábito vermelho, olhar penetrante e uma postura desafiadora ao colocá-la com as mãos nos quadris.

O trabalho artístico de Venâncio fabula o comportamento submisso e devoto associado à Maria, mostrando uma ideia que lhe é pouco dada: ao permanecer com o seu milagre e o seu posicionamento de que não só era um canal entre o divino e o terreno, como a prova de identidade real, Maria de Araújo insubordina contra o catolicismo montanhês; ela se torna uma figura de resistência com a boca fechada que proclama.

R. Farias apresenta sua Beata Maria como uma silhueta muito semelhante àquela ligada à Virgem Maria do catolicismo. Sua boca é um sutil sorriso cujo vermelho se derrama em sangue sobre o hábito e o reveste inteiro, contrastando com o preto do resto das vestes e das feições, delimitando suas mãos que seguram a representação das hóstias convertidas em sangue ao tocarem os grossos lábios. Esta interpretação visita a beata para lhe dar ares viscerais uma vez que seus traços humanos desaparecem e surge uma forma inquietante com um sorriso incomum. Lábios indefinidos que convergem para a visceralidade.

Outra produção que oferece uma perspectiva diferente à foto ou aos relatos foi a estátua da Beata Maria de Araújo inaugurada em fevereiro de 2023, como parte dos monumentos idealizados por Aluizio Neri Filho e realizados pelo artista plástico Ranilson Viana. Uma vez que poucas imagens, os “santinhos” ou ainda peças de gesso e cera são dedicadas a ela, quase sendo raras, suas feições amareladas pelas fotos são reconstruídas através do bronze e sua humanidade lhe é devolvida. A beata, ali, voltada para o trânsito da rua que leva o nome do padre que presenciou seu milagre, parece mais humana que o seu registro verdadeiro. Seus olhos são órbitas vazias, mas vivas. Seus lábios são possíveis e a qualquer momento dirão uma palavra ou sangraram sua voz. Não está montada para uma foto, mas parece ter simplesmente parado no canto da praça para observar o fluxo de Juazeiro.

Ao sugerir uma perspectiva afrotópica sobre a Beata Maria de Araújo, entendemos que só é possível dar reconhecimento a esta mulher quando ela for tratada como tal: uma mulher que existe e não é um mito construído para representar o desvario do passado. Fabular esta maria cria caminhos para fabular outras perdidas pelo Cariri, e pelo mundo, cujas histórias, às vezes e com muita sorte, foram não-registradas em fotografias, as quais nem sempre são o ponto de partida de suas existências, mas apenas um ponto. Um pedaço. Uma parte. Fabular e afrotopizar implicam diretamente em

entender que certas narrativas só são alcançadas através daquilo que não está posto e nem salvo; é compreender que os registros podem implicar em algo, mas não definir.

A comunicação, por estes caminhos, olha para o passado como um ponto criativo de construção do futuro (SARR, 2019), percebe nessa negritude, que se ressignifica para se dissociar de conceitos impostos por outrém, um exemplo de produção narrativa-real. Essas marias não estão do lado dominante e nem iluminado dos fatos, foram inexistentes por qualquer razão que as desvinculasse do padrão ou do vigente. Não lhes resta muito além dos espaços de fabulação e os movimentos afrotópicos possíveis (HARTMAN, 2020; SARR, 2019). Se a boca selada de Maria de Araújo não produziu palavras, se não era capaz de comunicar a sua mensagem, pois que seja assim: pela boca selada que não significa silêncio, mas o segundo antes de dizer uma palavra.

REFERÊNCIAS

HARTMAN, Saidiya. **Venus in Two Acts**. In: Small Axe, Volume 12, no. 2, pp. 1-14. Copyright 2008, Small Axe. Tradução: Fernanda Silva e Sousa, Marcelo R. S. Ribeiro, 2020.

NETO, Lira. **Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009

SARR, Felwine. **Afrotopia**. Paris: Éditions Philippe Rey, 2016. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 1ª ed, 2019.

Ranilson Viana. Idealizador Aluizio Neri Filho. Escultura em Bronze. Praça Padre Cícero. 01 de Fevereiro de 2019. Fotografia Autoral. Menção. **Monumentos Monsenhor Murilo, Beata Maria de Araújo e Padre Cícero**.

Reginaldo Farias. Desenho Digital. Perfil Pessoal do Artista. 23 de Maio de 2019. Menção. **Encontre-me onde eu estiver**.

Rogê Venâncio. Colagem, Pintura e Óleo sobre Papel. Museu Memorial Padre Cícero. Fotografia Autoral. Menção. **Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, a noiva de Cristo**.